

Ricardo Bacelar
une MPB e jazz em
álbum ao vivo

PÁGINA 3



Sucesso francês
chega (atrasado)
às nossas telas

PÁGINA 5



Bruna Paiva lança
novo romance na
Bienal do Livro

PÁGINA 7



2º CADERNO

Ana Branco/Divulgação



Andrea Ernest Quarteto



Hermeto Paschoal & Grupo

Gabriel Quintão/Divulgação

Ytallo Barreto/Divulgação



Lia de Itamaracá

MIMO FESTIVAL RETORNA AO RIO COM FOCO EXCLUSIVO NA MÚSICA BRASILEIRA



Diverso, plural, potente e gratuito. O Mimo Festival promove sua edição carioca em 2025 com uma programação de shows em vários pontos da cidade, do Circo Voador às arenas culturais de bairros do subúrbio. Saiba mais na página seguinte

Andrea Nestrea/Divulgação



Jards Macalé

Divulgação



DJ Man

Paulo Rapoport/Divulgação



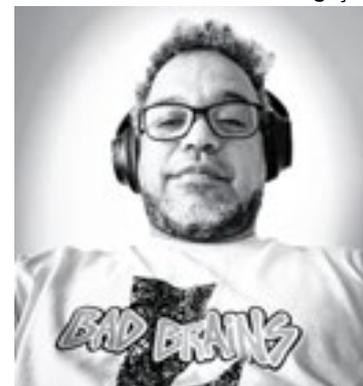
Cláudio Jorge e Guinga

Maria Mazzillo/Divulgação



Carlos Malta & Pife Muderno

Divulgação



Pedro DLita

Um Mimo para o público carioca

música de câmara e DJ sets comentados, com foco nas interseções entre arte, território e inovação tecnológica.

“É uma alegria enorme voltar ao cenário carioca com o Mimo Festival, especialmente com uma programação inteiramente dedicada à música brasileira. Nosso compromisso vai além dos grandes centros tradicionais: queremos fortalecer regiões e comunidades que muitas vezes ficam fora do radar dos grandes festivais”, afirma Lu Araújo.

A edição de 2025 marca ainda o início da parceria entre o Mimo e o prestigiado Jazz in Marciac, na França, dentro da Temporada Cruzada Brasil-França. O intercâmbio artístico levará músicos brasileiros a se apresentarem na Europa, ampliando a projeção internacional do festival. Parte dessas atrações poderá ser vista pelo público carioca antes da turnê europeia, reforçando a conexão entre a cena musical brasileira e os circuitos globais.



Por Affonso Nunes

Com entrada gratuita e uma programação inteiramente voltada à música brasileira, o Mimo Festival volta ao Rio reafirmando seu compromisso com a diversidade artística e o acesso democrático à cultura. A oitava edição carioca do festival, idealizado e dirigido por Lu Araújo, começa nesta quarta-feira (18) e vai até sábado (21) e reunirá 30 atrações em diferentes pontos da cidade, abrangendo territórios centrais e periféricos.

Entre os destaques da programação estão nomes consagrados como Hermeto Pascoal & Grupo, Lia de Itamaracá, Jards Macalé, Guinga, Cláudio Jorge, Carlos Malta e Amaro Freitas, ao lado de artistas de trajetórias mais recentes como Juliana Linhares e Andrea

Divulgação



Juliana Linhares

Micael Hocherman/Divulgação



Amaro Freitas

Divulgação



Tata Ogan

Paulo Rapoport/Divulgação



Ana de Oliveira Quarteto

Ernest Dias Quarteto.

Os shows acontecem em locais como a Igreja de Santa Cruz dos Militares, no Centro, e o Circo Voador, na Lapa — que se consolida como sede principal do evento — além das Arenas Jovelina Pérola Negra (Pavuna) e Dicro (Penha) e

da Praça Agripino Grieco (Méier), em parceria com o movimento Leão Etíope.

O festival também promove uma Mostra de Cinema no Cine Carioca José Wilker, em Laranjeiras, nos dias 20 e 21, sexta e sábado com seleção que destaca produções

que abordam a trajetória de figuras emblemáticas da música brasileira.

Paralelamente às apresentações e exposições, o Futuros Arte e Tecnologia, no Flamengo, receberá a Ocupação Mimo, espaço voltado à formação e reflexão. A programação inclui palestras, concertos de

SERVIÇO

MIMO FESTIVAL

De 18 a 21/6

Locais: Igreja de Santa Cruz dos Militares (Rua Primeiro de Março, 36); Circo Voador (Rua dos Arcos, s/n°); Arena Dicro (Rua Flora Lôbo, s/n°); Arena Jovelina Pérola Negra (Praça Ênio s/n°); Praça Agripino Grieco (Rua Dias da Cruz); Cine Carioca José Wilker (Rua das Laranjeiras, 307); Futuros Arte e Tecnologia (Rua Dois de Dezembro, 63)
Programação em <https://mimofestival.com/2025/rj>
Entrada franca

Por Affonso Nunes

Já disponível nas plataformas de streaming, o álbum “Ricardo Bacelar ao Vivo no Cineteatro São Luiz” marca o terceiro registro ao vivo na carreira do artista cearense. Neste trabalho, o músico reafirma sua trajetória de valorização da música brasileira, explorando novas nuances a partir de interpretações contemporâneas.

Gravado no tradicional Cineteatro São Luiz, em Fortaleza, o espetáculo contou com a participação de um sexteto, reunindo no repertório faixas importantes dos discos mais recentes de Bacelar. “Neste espetáculo, faço uma ode à música brasileira e conto um pouco da minha história de vida, das minhas composições. Fiz um apanhado dos discos ‘Congênito’ e ‘Andar com Gil’, que gravei com a Delia Fischer, com a participação do Gilberto Gil”, explica o músico.

Entre os destaques do novo álbum, está uma releitura de “Totalmente Demais”, clássico do Hanoi Hanoi, grupo do qual Bacelar fez parte, e mais tarde regravada por Caetano Veloso. “Nunca havia gravado ‘Totalmente Demais’ na carreira solo, somente com o grupo. Dei uma roupagem diferente e incluí no show. Minha longa experiência com o Hanoi contribuiu muito para a pessoa que sou. Fiz muitos shows com eles, às vezes mais de 200 num ano, o que me deu segurança no palco. Este é o primeiro disco ao vivo em que canto do início ao fim, e o Hanoi Hanoi foi fundamental nessa construção”.

Também compõe o repertório a canção “Vício Elegante”, última parceria de Bacelar com Belchior. “Foi a última letra que ele escreveu antes de partir. É uma canção com aquela melancolia característica do Belchior, mas com um arranjo que dialoga com o contemporâneo”, narra.

O show ainda traz novas interpretações de músicas de Chico Buarque, Luiz Melodia, Lenine, Caetano Veloso, Milton Nascimento e Adriana Calcanhotto.



Ricardo Bacelar durante o show em Fortaleza, que ganha registro em álbum ao vivo

Improvisado à brasileira

Ricardo Bacelar lança novo álbum ao vivo gravado no Cineteatro São Luiz

“Gosto de gravar músicas de outros autores com roupagens diferentes, senão seriam apenas covers. Melodias e letras devem ser respeitadas, mas é possível trazer novas contribuições, oferecer outros pontos de vista às obras”, analisa Bacelar.

No palco, Bacelar também se



destaca por sua versatilidade: além do piano, assume vocais, teclados, guitarra e percussão, prática recorrente nos álbuns que produz pelo selo Jasmin Music. “O piano é meu instrumento principal, outras coisas foram surgindo com o tempo. Egberto Gismonti disse certa vez que sou um instrumentalista,

alguém que faz música em diversos instrumentos. O que importa é contribuir criativamente, fazer o que a música pede, não apenas mostrar técnica. O canto também é uma forma riquíssima de expressão”.

Com seu Jasmin Studio, Bacelar segue investindo em projetos de música brasileira sofisticada. “Somos um país miscigenado, multicultural, onde a música é extremamente rica. É uma marca profunda da nossa cultura”, afirma.

O álbum – captado com dez câmeras e mixado em Dolby Atmos – está disponível nas versões digital e física, incluindo também um vídeo-álbum com 12 clipes. O show foi exibido em primeira

mão na TV Globo Ceará. “Nossa proposta era criar uma experiência cinematográfica que capturasse tanto a energia do palco quanto a intimidade das performances”, explica Bacelar.

O lançamento foi simultâneo no Brasil, Japão, Estados Unidos e Portugal, reforçando o alcance internacional do artista, que em 2024 teve seis meses consecutivos entre os 50 álbuns mais tocados nas rádios de jazz dos EUA e realizou sua segunda turnê pelo Japão. Na sequência, Bacelar passou pelos lendários estúdios Abbey Road, em Londres, e agora se prepara para uma temporada de concertos e a gravação de um novo álbum em Beijing, na China.

Uma usina de criar canções

Duo Coisa Nossa apresenta álbum de estreia em show com banda no Teatro PRIO

Por Affonso Nunes

Após uma série de apresentações em formato voz e violão e uma bem-sucedida turnê pelo Nordeste, o duo Coisa Nossa, formado por João Mantuano e Raya, fará seu primeiro show com banda completa nesta quarta-feira (18), às 20h, no Teatro PRIO. A apresentação marca o lançamento oficial do álbum homônimo da dupla nos palcos, permitindo uma imersão mais profunda no universo



Elisa macial/Divulgação

João Mantuano e Raya: a dupla que se reuniu para gravar um single acabou criando um álbum inteiro, além de outras 30 composições em parceria

sonoro do disco, lançado em dezembro pelo selo Toca Discos, com distribuição da Universal Music.

O evento contará com a participação

especial de Zé Ibarra. A direção musical e artística do show está a cargo dos produtores Constança Scofield e Felipe Rodarte, figuras centrais na formação do Coisa Nossa. Foram eles os responsáveis pelo encontro criativo de João Mantuano e Raya que, inicialmente era para resultar em uma única canção e acabou por dar origem à dupla e ao seu aclamado trabalho.

No palco, João e Raya serão acompanhados pelos músicos Marcelo Callado (bateria), João Werneck (violão e guitarra), Miguel Dias (baixo) e a participação de Sérgio Chiavazoli (bandolim e guitarra baiana).

Além das 11 faixas do disco de estreia, o repertório incluirá outras composições inéditas da dupla, que já soma mais de 50 canções desde seu surgimento, uma verdadeira usina criativa.

SERVIÇO

COISA NOSSA

Teatro PRIO (Av. Padre Leonel Franca, 240 – Gávea)

18/6, às 20h

Ingressos: R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Clima tropicalista

Já está nas plataformas digitais a faixa “Passo de Avarandar”, segundo single do álbum “Obstrução Samba”, que o cantor e compositor Wado lança em 11 de julho. A faixa, parceria com Marcelo Frota, o Momo, aprofunda o clima tropicalista do disco e reúne Priscila Tössan e Janu. Antes, o artista havia lançado “Jão”, com Fábio Trummer, num encontro de samba-rock e beats contemporâneos. Segundo o artista, o conceito do álbum é inspirado no filme “As Cinco Obstruções”, de Lars von Trier.

Mônica Guimarães/Divulgação



Marcos Hermes/Divulgação



Bossas inéditas

Chega às plataformas o single “Não pergunte de mais”, que antecipa o novo álbum de Wanda Sá, comemorativo aos 80 anos da cantora e violonista. “Menesal fez essa música para mim e tem tudo a ver com as coisas que vivemos, nossa história, e ao mesmo tempo é atual”, comenta Wanda ao falar da canção, composta por Roberto Menescal e Abel Silva que ganhou arranjo de Antônio Adolfo, que também assume o piano na gravação. O álbum trará parcerias entre nomes como Carlos Lyra, João Donato, Jards Macalé e Ronaldo Bastos.

Divulgação



Renovador do R&B

Chris Brown estreia o single “Holy Blindfold”, seu primeiro lançamento solo após o álbum “11:11 (Deluxe)”, que rendeu ao artista um Grammy e o hit “Residuals”, certificado Platina. A novidade marca o início da Breezy Bowl XX Tour, que começou no último dia 8 em Amsterdã. Devido à demanda, novas datas foram adicionadas, com noites extras em cidades como Atlanta, Detroit, Toronto e Londres. Cantor, compositor, dançarino e ator, Brown é considerado um dos artistas mais proeminentes da música R&B, sendo apontado como um transformador do gênero.

Divulgação



Em *'Polícia: Turno da Noite'*, Virginie Efira e Omar Sy patrulham a noite francesa

Polícia (enfim) para quem precisa

Virginie Efira e Omar Sy estrelam thriller de Anne Fontaine que encerrou a Berlinale de 2020 mas seguiu inédito nas telas brasileiras apesar do elenco estelar

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Imã de acessos na streamingsfera, a série *"Lupin"*, da Netflix, transformou Omar Sy (francês nascido em Yvelines filho de mãe mauritana e pai senegalês) num dos astros (não formados por Hollywood) de maior popularidade do planeta, no audiovisual, gerando uma busca por filmes recentes dele, ainda inéditos por aqui. Lá fora, no Velho Mundo, situação similar vem ocorrendo

com a belga (nascida na comuna de Schaerbeek) Virginie Efira, protagonista do controverso *"Benedetta"* (2021), de Paul Verhoeven. Virginie virou umas das estrelas de maior prestígio do Velho Continente sobretudo por sua parceria com grandes diretoras (Rebecca Zlotowski, Alice Winocour e Justine Triet). Por isso, um filme que junta o talento dos dois, como é o caso do thriller *"Polícia: Turno da Noite"* (*"Police"*, 2020), da franco-luxemburguesa Anne Fontaine, desperta atenção de cinéfilos por

onde passe. Por aqui, o longa-metragem, que encerrou o Festival de Berlim há cinco anos, nunca teve espaço em circuito exibidor, apesar do apelo popular de seu elenco. Agora, com o apoio do streaming, a produção chega até nós, por meio da plataforma Filmelier, podendo ser alugado ou comprado via Prime Video da Amazon.

"Construí um estudo sobre sentimentos que, embora se passe no universo da Lei, não se atém aos códigos das narrativas policiais", disse Anne ao CORREIO DA

MANHÃ, durante o fórum *Rendez-vous Avec Le Cinéma Français*, realizado em janeiro, onde ela promoveu *"Bolero"*, seu longa mais recente. "Meu interesse é saber o como se comportam, na intimidade, pessoas que defendem a Justiça".

Existe uma medida de quantificação de qualidade de uma Berlinale que, anedoticamente, é dada por seu filme de desfecho e não pelo de largada. Ou seja, a produção de encerramento, se for boa... como *"Police"*, garante que o evento fique na memória e deixe banzo. Foi assim em 2017, quando *"Logan"*, de James Mangold, passou por telas alemãs. Ou como foi o caso de 2021, com a projeção de *"O Mauritano"*, que assegurou um Globo de Ouro de Melhor Atriz Coadjuvante a Jodie Foster. Em 2024, esse lugar conclusivo foi ocupado pelo filme de ação de CEP sul-coreano *"Força Bruta: Punição"*, com Don Lee. Em 2025, essa ventura foi dada ao drama de timbre queer *"Lurker"*, de Alex Russell. Em 2020, o evento germânico viveu momentos de brilho com o drama de farda que joga a atriz e cineasta Anne Fontaine a um quilate mais alto na vitrine das diretoras de boa reputação estética da França: seu trabalho ali, atrás das câmeras, é um ensaio sobre empatia.

Temos uma história sobre três policiais (Virginie Efira, Omar Sy e o surpreendente Grégory Gadebois) empenhados em levar um refugiado (Payman Maadi, de *"A Separação"*) ao Charles De Gaulle, a fim de deportá-lo para a pátria onde ele sofreu toda a sorte de mazelas. Essa premissa é construída em diálogo com uma reflexão aberta por uma das melhores longas da Berlinale de 2020: *"Charlatão"*, da polonesa Agnieszka Holland: "O direito de escolha, por vezes, pode ser um castigo". Escolher é, na trama decalcada por La Fontaine (com a ajuda da roteirista Claire Barré) do livro de Hugo Boris, fardo e fado, caminho e perdição, crime e castigo. Nesse jogo de opostos, a realizadora de *"Coco antes de Chanel"* (2009) e *"Marvin"* (2017) cria uma dialética de sentimentos que esculpe múltiplas dimensões em seus personagens, todos bem defendidos por seus intérpretes. Logo no início, vemos Virginie (papel de Efira) viver uma relação abusiva em seu casamento sem sol. Ela se levanta antes da hora, dá atenção ao filho e sai para patrulhar as ruas tendo dentro de si um peso, a ser contextualizado com o colega Aristide (Sy, em seu trabalho mais doído). Juntos, eles confeccionam uma simbiose de gostos e perdas. No carro em que saem pelas ruas, levam Erik (Gadebois), um alcoólatra que cheira copos de conhaque para ficar em paz com o vício. Erik é um satélite aparentemente periférico aos desejos que se fortalecem (mas também se repelem) entre Virginie e Aristide, testados em uma missão deles contra um agressor de mulheres. É um texto inicial para um exame bem mais difícil, que é levar um expatriado (papel de Maadi) para pegar um avião.

Acostumados a cicatrizes inerentes à desinência afetiva do verbo viver, os três policiais têm a certeza de que o "alien" que levam algemado está sofrendo uma injustiça. No périplo para leva-lo até o ponto desejado pela Lei, eles vão colocar em xeque noções de dever cumprido. Daí, empatia, palavra-prostituta dos dias de hoje, servir como cimento aqui, num filme áspero, que não desgruda da gente.

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Prestes a anunciar novas produções para os festivais de Locarno (6 a 16 de agosto) e de Veneza (27 de agosto a 6 de setembro), a Itália, que de 1945 ao início da década de 1980 reinou quase soberana nas telas, rivalizando com Hollywood em múltiplas frentes, prepara-se para tomar o Brasil de assalto com sua mostra anual de filmes de autor. Se a França tem o Varilux, a pátria de Federico Fellini tem o 8 ½ Festa do Cinema Italiano, que vai de 26 de junho a 2 de julho em solo carioca, dividindo-se entre o Estação NET Rio e o Estação NET Gávea.

A abertura, este ano, fica a cargo de “Gloria!”, de Margherita Vicario. O montador milanês Jacopo Quadri virá prestigiar o evento que se espalha ainda por São Paulo, Belo Horizonte, Brasília, Recife, Fortaleza, Salvador, Porto Alegre, Curitiba, Florianópolis, Caxias do Sul, Macció, Aracaju, Ribeirão Preto, São José dos Campos, Araquara, São Carlos e Campinas. Editor de “Fuori”, que concorreu à Palma de Ouro de Cannes, em maio, ele vem para ministrar uma masterclass gratuita na UFF, em ocasião da iniciativa Fare Cinema, no dia 30 de junho, às 14h.

No mesmo dia, às 18h, Quadri também participa de sessão especial gratuita do filme “Berlinguer - La Grande Ambizione”, de Andrea Segre, no Instituto Italiano de Cultura de Rio de Janeiro. De tudo o que está no cardápio dessa maratona europeia, incluindo os badalados “Dieci minuti”, de Maria Sole Tognazzi, e “O Último Chefão” (“Iddu”), de Fabio Grassadonia e Antonio Piazza, a reconstituição histórica “Vermiglio - A Noiva da Montanha”, de Maura Delpero, impõe seu título como o prato principal do menu.

Batizado em referência à sua arena narrativa, isto é, o cenário onde se passa (uma comuna na província de Trento, com área de 103 km² e cerca de 1.856 habitantes), “Vermiglio” chega à 8 ½ Festa do Cinema Italiano endossado pelo



Divulgação

Indicado ao Globo de Ouro e premiado em Veneza, Vermiglio é a principal atração da 8 ½ Festa do Cinema Italiano no Rio em 2025

Macarronada felliniana à mesa

Festival anual de longas da pátria de ‘La Dolce Vita’ no Brasil, a mostra 8 ½ Festa do Cinema Italiano traz cults ainda inéditos em nossas telas como ‘Vermiglio’

Grande Prêmio do Júri do Festival de Veneza e por uma indicação ao Globo de Ouro. Seu ator de maior relevo nasceu na região de Vieste e se chama Tommaso Ragno. Ele encarna retidão no retrato que a realizadora Maura Delpero faz de um momento crítico da II Guerra, numa área alpina onde o conflito parecia distante.

No papel do professor Cesare, Tommaso, nos seus silêncios devastadores, regados a fumo de cigarros e balizados pela melodia baixinha de uma música clássica no gramofone, parece sintetizar todo o espírito de introspecção que rege “Vermiglio” mesmo nos seus momentos mais agoniantes. A sua atuação grandio-

sa, com o mínimo de ações, sempre implosivo, dá a medida de uma área rural que, em 1944, ouvia falar do conflito do Eixo contra os Aliados por carta. Por epístolas entregues com muito atraso. Tudo naquele seu mundo parece mudar depois de um combatente fugido das trincheiras aparece por lá e, sem falar nada dos seus dias de batalhas, arrebatada o coração de uma das filhas de Cesare, num casamento do qual ele faz gosto. Não tarda, porém, para que as verdades soterradas saiam do solo e cobrem um preço caro do veterano educador e da sua cria.

Marco Tullio Giordana assina outra das joias da 8 ½ Festa do Cinema Italiano: “La Vita Accanto”.

No longa, projetado nos festivais de Locarno e de Buenos Aires (Bafici), há um roteiro assinado pelo aclamado diretor Marco Bellocchio, de “O Sequestro do Papa” (2023) e “De Punhos Cerrados” (1965). A trama que encantou os olhos de Locarno narra a dor de uma jovem rejeitada pela mãe ao nascer com uma marca de nascença. Ao longo dos anos, ela se transforma numa pianista ao seguir os passos de sua tia musicista.

Maura Delpero e Giordana são hoje faróis de uma nação que nos deu gigantes a granel, além do supracitado Fellini. Vieram de lá Rossellini, De Sica, Fellini, Visconti, Antonioni, Pietro Germi, Pier Paolo Pasolini, Elio Petri, Lina Wertmüller, Valerio Zurlini. Essa nação foi próspera na seara dos filmes de gênero, seja no terror (com o giallo de Dario Argento), no faroeste (com as macarronadas de Sergio Leone, Tonino Valerii e Sergio Corbucci) e nos épicos de gladiador (o Peplum). Apesar de tantas jazidas cinematográficas auríferas, a Itália minguou por um bom tempo, de 1984 a 2008, vendo suas fontes de fomento à produção cinematográfica escassearem. Até campeões de bilheteria como Carlo Pedersoli e Mario Girotti (conhecidos como Bud Spencer e Terence Hill) deixaram de fazer os longas da franquia “Trinity”, sob a guilhotina de Silvio Berlusconi e outros governantes de índole discutida, restando visibilidade a poucos cineastas. Giuseppe Tornatore (com “Cinema Paradiso”) e Roberto Benigni (com “A Vida É Bela”) souberam bem flertar com as receitas da Academia de Artes e Ciências de Hollywood. Nanni Moretti se edificou entre comédias políticas (“O Crocodilo”) e melodramas (“O Quatro do Filho”, que lhe deu a Palma dourada).

Resistentes do movimento moderno também se mantiveram firmes, como o finado Bernardo Bertolucci, que foi fazer uma incursão pelo Oriente e filmar em outras línguas; e o até hoje imparável Marco Bellocchio (“Vincere”). Esses dois são crias dos anos 1960. Hoje, uma nova geração está em cena. O papel da 8 ½ Festa do Cinema Italiano é dar voz e vez a ela.

LINHAS DE FUGA

ALDO TAVARES

Imagem criada pela IA Sora



Luta identitária III

E escrever Filosofia em jornal é impossível, porque linhas de fuga escapam à decodificação imediata; mas a Filosofia, embora esteja acanhadíssima aqui, escrevo-a hoje para afirmar que o marxismo, em razão da dialética hegeliana, não tem condições teóricas de entender – e, muito menos, de combater – o microfascismo.

Para o marxismo, não há identidade entre senhor e escravo, pois o opressor é identidade de opressor e o oprimido, identidade de oprimido. A luta política, portanto, é oposição. Já o microfascismo sabe que não há luta de classe na micropolítica, pois nela pulsa identidade entre senhor e escravo. Para o microfascismo, o opressor se identifica com o oprimido e o oprimido, com o opressor.

Entre as maiores obras filosóficas de séculos, lemos “Mil platôs”, onde Deleuze-e-Guattari pensa [no singular mesmo] a imagem de Hitler no platô “9. 1933 – micropolítica e segmentaridade”, ano em que o Führer foi chanceler. Por causa de sua dialética [ou de seu falso movimento], o marxismo desconhece o movimento político Menor que levou Hitler à Chancelaria. Na página 103, está escrito: “diz-se erroneamente (...) que uma sociedade se define por suas contradições (...). Do ponto de vista da micropolítica, uma sociedade se define por suas linhas de fuga (...). (...) que escapam às organizações binárias”, no caso, senhor-escravo, opressor-oprimido.

Existe um Hitler antes e depois de 1924 ou entre o Golpe da Cervejaria e a Chancelaria, ou seja, um Hitler entre desejar o poder pela força bruta e pelos meios legais e eleitorais. Em Mein Kampf (p. 127), pergunta-se: “será possível destruir ideias a ferro e a fogo?”. Responde: “não é possível o emprego exclusivo da violência”, diz Hitler: “a luta deve ter dois princípios”, quais sejam, força bruta e força espiritual. A força bruta é o que é pesado e a força espiritual, o que é leve. Hitler movimenta-se entre os contrários.

Após 1924, a Alemanha experimenta o que pode o “entre” opostos, o que a filosofia chama de terceiro elemento, cuja potência política movimenta-se, nesse caso, entre a desordem da força bruta, disseminada pela SA, e a ordem da lei, propagada pelo discurso hitlerista. Estamos, pois, diante do que Deleuze-e-Guattari chama de entre-dois, e o traidor, expoente dessa política entre opostos, nega a oposição, é quando senhor e escravo se identificam ou é quando o povo se identifica com o Führer.

Em 1933, o poder, em seu sentido clássico, é ocupado por Hitler.

Bruna Paiva, uma autora que nasceu e segue independente

JM Costa/Divulgação

Jovem autora carioca estreia na Bienal com romance sobre paixão adolescente



Por Affonso Nunes

Aos 27 anos, a escritora carioca Bruna Paiva chega à Bienal do Livro celebrando uma década de carreira literária construída de forma independente. Nacida e criada no subúrbio de Olaria, ela representa uma nova geração de autores que soube utilizar plataformas digitais para conquistar leitores e construir trajetória sólida no mercado editorial.

O destaque de sua participação é o lançamento de “Fã de Carteirinha”, romance gestado desde a adolescência que explora com realismo a complexa relação entre fã e ídolo. “Foi enquanto lia um livro da Thalita Rebouças e me via nas personagens que pensei pela primeira vez: ‘queria causar isso aqui nas pessoas também’”, revela a autora, explicando a homenagem no nome da protagonista.

A narrativa acompanha Thalita, jovem de 16 anos da zona sul carioca que divide o coração entre o namorado Benício e a paixão platônica pelo cantor Christian



A partir de seu primeiro livro, escrito aos 14 anos, Bruna Paiva construiu reputação junto ao público jovem

Belchior. O equilíbrio dessa dualidade afetiva se rompe quando o acaso a adolescente de seu ídolo, forçando-a a confrontar sentimentos contraditórios.

O romance ganha ainda uma dimensão multimídia com trilha sonora original composta por Tê Paiva, irmão da autora, acessível através de QR Code exibido ao longo das páginas do romance.

Bruna iniciou sua carreira aos 14 anos publicando “Um Diário Para Alice” como webnovela no Wattpad, alcançando mais de 70 mil leituras. A versão física, lançada em 2018, já foi adotada como

material paradidático em escolas e esgotou na Bienal de São Paulo 2022. “Amores de Carnaval” (2023) marca sua estratégia de marketing mais ousada: fantasiada como suas personagens, vendeu exemplares nos blocos de rua durante o carnaval carioca.

Formada em Letras pela Uni-Rio, mestre e doutoranda em Ciência da Literatura pela UFRJ, ela venceu o Prêmio Strix de Literatura em 2015. “Quero continuar me dedicando ao público jovem, criando histórias que ofereçam identificação e acolhimento, formando novos leitores”, explica sobre seus planos futuros, que incluem dois romances prontos para publicação e um curso sobre autopublicação profissional.

Por Affonso Nunes

Protagonismo a partir do saber ancestral

Espetáculo teatral que celebra protagonismo negro infantil é lançado na Bienal do Livro

Divulgação



A trajetória de Super Nagô, menino negro de dez anos que herda poderes ancestrais e se torna youtuber, salta dos palcos para as páginas. O espetáculo “O Pequeno Herói Preto”, que percorreu teatros brasileiros e internacionais, agora se transforma em livro pela Editora Malê, marcando a estreia literária da dupla criativa formada por Junior Dantas e Cristina Moura. A obra representa um movimento significativo na literatura infantil nacional ao propor representatividade negra despida de estereótipos.



“É a história de um menino que descobre seus poderes a partir da família e da ancestralidade, um super-herói brasileiro, cheio de alegria e vontade de transformar o mundo. É uma leitura divertida, com ilustrações lindas e uma mensagem poderosa: todos podemos

ser heróis e heroínas da nossa própria vida”, explica Dantas.

A publicação surge num momento em que o mercado editorial brasileiro ainda ca-

rece de títulos infantis com protagonismo negro positivo. Super Nagô navega entre o universo digital contemporâneo e a ancestralidade africana, encontrando personalidades

históricas como Tereza de Benguela, Elza Soares e Ruth de Souza. Essa construção narrativa estabelece pontes entre gerações e reafirma a importância de referências negras na formação identitária das crianças.

Junior Dantas, ator e contador de histórias, desenvolveu o projeto ao lado de Cristina Moura, diretora e coreógrafa. As ilustrações ficaram a cargo de Rodrigo Andrade, que traduziu visualmente o universo colorido da narrativa. A parceria resulta numa obra que preserva elementos centrais do espetáculo original: humor, oralidade e cores como ferramentas de engajamento do público infantil.

O conceito de letramento racial permeia toda a construção da história, buscando naturalizar a presença negra em posições de protagonismo. Super Nagô emerge como herói contemporâneo que concilia tecnologia e tradição, oferecendo modelo identificatório positivo para crianças negras.

A decisão de adaptar o espetáculo para o formato literário nasceu da própria recepção do público teatral. Dantas observou que espectadores manifestavam interesse em prolongar o contato com a narrativa além da experiência cênica. O livro surge como resposta a essa lacuna, ampliando o alcance da mensagem para escolas, bibliotecas e lares.

O QUE ROLA NA BIENAL - quarta, 18

Reprodução TV Globo

POR AFFONSO NUNES

Divulgação



Vozes premiadas

Às 16h, o Café Literário Pólen apresenta “Páginas no Palco – Elas por Elas”, com leituras de autoras de trechos de obras de autoras vencedoras do Nobel por grandes intérpretes. Participam a escritora Maria Carvalho, a atriz, diretora e dramaturga Isabel Teixeira (foto) e a jornalista e escritora Eliana Alves Cruz, com mediação da jornalista Bianca Ramoneda. O encontro destaca a potência das vozes femininas na literatura, refletindo sobre sua relevância e a importância de ampliar sua presença dessas vozes no cenário literário mundial.

Papo entre nerds

Às 17h30, a Praça Além da Página Shell recebe o divertido encontro “Papo Geek na Praça”, com os atores e comediantes Fernando Caruso (foto) e Pedro Benevides. Inspirado no livro “Guia de Sobrevivência Nerd”, escrito por Caruso, o bate-papo bem-humorado se propõe a abordar referências da chamada cultura pop, como quadrinhos, séries, desenhos animados e RPGs, em uma conversa leve e divertida dos dois artistas sobre o universo geek e suas paixões.

Divulgação



Reescrever o Brasil

Às 18h desta quarta-feira, (18) o Café Literário Pólen proove na Bienal a mesa-redonda “Escrever o Brasil”, com os escritores Ian Fraser (foto), Alê Motta, Mateus Baldi, Vinicius Neves Mariano e Patrick Torres. Os quatro autores debates com o público presente como a literatura pode mapear afetos, territórios e identidades no Brasil contemporâneo, explorando aspectos como paisagens reais e imaginadas, memórias de infância e experiências urbanas, refletindo sobre o papel da escrita na formação de múltiplas vozes brasileiras.

